

“SEMEAR PARA COLHER”: EDUCAÇÃO NAS PÁGINAS DO JORNAL A VOZ DO TRABALHADOR

Beatriz Rodrigues Silvério¹⁵³

Originalmente produzida como dissertação de mestrado, defendida no ano de 1995 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, a pesquisa da Profa. Dra. Célia Maria Benedicto Giglio foi publicada pela primeira vez em 2019 pela editora Alameda. Produzida em um momento no qual o tema da educação relativa à classe operária aparecia de forma ainda bastante tímida, o trabalho inovou na abordagem fora do enfoque escolar ao voltar-se para a educação impressa nas páginas de um jornal operário, no caso *A Voz do Trabalhador* (1908- 1915). Sua recente publicação mostra que há muito a se explorar na história do objeto e que segue relevante falar sobre as experiências educacionais que se pretenderam libertadoras das classes exploradas.

O trabalho original foi incorporado em algumas pesquisas posteriores, especialmente voltadas ao tema da educação libertária na área da História da Educação, um campo que cresceu vertiginosamente nos anos após o mestrado

de Célia Maria Benedicto Giglio.

Acreditamos que a publicação em livro trará mais visibilidade a pesquisa e, paralelamente, maior incorporação. Cabe destacar que a autora não nos informa se ou de que maneira o conteúdo foi atualizado para ser publicado. O que traz aos leitores um sentido de atualização foi a apresentação, escrita pela Prof. Dr. Marta Maria Chagas de Carvalho, e o prefácio de autoria da Prof. Dr. Lisete R. G. Arelaro, nos quais ambas ressaltam a contemporaneidade e relevância do tema.

Distribui-se ao longo de quatro partes o desenvolvimento da pesquisa, contando ainda com introdução e uma conclusão intitulada “*Dos Sonhos*”, que fecha o livro abrindo estradas para o porvir: “O que se espera está para diante; os sonhos não vivem o nosso tempo, eles se rebelam e resistem à crueza dos caminhos.” (GIGLIO, 2019: 216).

Em movimento contrário a uma historiografia da educação, que segundo a autora, privilegiava acontecimentos

¹⁵³ Mestranda em História (PPGH), na linha de pesquisa Instituições, Vida Material e Conflito na UNIFESP. Bacharel em História pela Universidade Cruzeiro do Sul.

considerados relevantes quando incluídos na esfera da história oficial, o livro pretende ocupar-se da educação inserida no campo material, buscando entender como acontece entre as “criaturas comuns” a prática educativa e a transmissão de saberes imprescindíveis a sobrevivência, sem perder de vista as formas como essas pessoas e suas práticas se relacionam com as instituições.

O grupo de “criaturas comuns” escolhido pela autora nesta missão foi a classe trabalhadora formada nos inícios do século XX, que estava vivenciando um recente processo de transição para o trabalho livre nas cidades que se formavam. O objeto é a imprensa operária, especificamente o jornal *A Voz do Trabalhador*, em suas duas fases: a primeira iniciada em 1908 com duração até 1909 e a segunda compreendendo de 1913 a 1915. Lendo as diversas camadas do jornal, identificando as lutas e tensões impressas nele, Célia Maria Benedicto Giglio (2019: 21) encontra um projeto educativo marcadamente anarquista. Assim como o jornal que apesar de ser impresso no Rio de Janeiro pretendia dar conta do proletariado nacional com abordagem

transnacional, o espaço geográfico da autora tem como foco as duas grandes cidades que se industrializavam no período, Rio de Janeiro e São Paulo, mas perpassa por outros locais.

A educação a ser tratada no livro se desvincula da oferecida nas escolas, tanto mantidas pelo Estado quanto pela Igreja. Ao longo do século XX houve uma progressiva preocupação dos governos brasileiros com a instrução das camadas populares, algo que não acontecia antes da instauração da República, momento no qual a escola pública foi criada de fato. Era necessário um povo bem preparado, que amasse o trabalho e respeitasse a propriedade privada para construção da pátria ideal. E o povo seria bem preparado através de um modelo educacional escolarizado, que segundo os anarquistas, fazia manutenção da ordem instituída, permitindo aos trabalhadores apenas o acesso limitado ao conhecimento.

Em contraponto a essa educação tida como oficial, livres pensadores e anarquistas como Sébastien Faure, Paul Robin e Francisco Ferrer y Guardia¹⁵⁴ desenvolveram outras formas de se educar

¹⁵⁴ Na última década do século XIX, Paul Robin dá corpo às teorias em educação libertária que fermentavam décadas antes, ao se tornar diretor do Orfanato *Prévost*, de Cempuis. Sébastien Faure cria, em 1904, também na França, *La Ruche* (A colméia), inspirado nos ideais pedagógicos de Robin. A Escola Moderna de Barcelona foi inaugurada por Francisco Ferrer y Guardia em setembro de 1901. Estes três pensadores tinham em comum o ideal de uma instrução integral, que abordava atividades tanto manuais quanto intelectuais, e a coeducação de classes e gêneros (GALLO, 1990).

partindo de uma abordagem racional, científica e libertária, a fim de alcançar a formação integral de indivíduos autônomos e com pensamento crítico, cuja livre consciência os levaria a construir um projeto de existência coletiva sem exploração de classe. As teorias e as experiências desenvolvidas por estes três intelectuais espalharam-se pelo mundo de forma transnacional e inspiraram a criação de diversas escolas.

As ideias revolucionárias oriundas do pensamento europeu ganharam espaço entre os trabalhadores no Brasil no período que compreende os finais do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX com a chegada de imigrantes trazendo na bagagem um acúmulo de ideias e experiências socialistas e anarquistas. Em confluência aos trabalhadores nacionais, ainda vivenciando a transição para o trabalho livre, as ideias tomaram corpo e foram adaptadas às condições materiais vivenciadas pela classe operária. É neste cenário que se desenvolve a pesquisa de Célia Maria Benedicto Giglio.

Na primeira parte, intitulada “*A construção de uma identidade operária*”, podemos conhecer a metodologia com a qual a autora desenvolve a pesquisa em busca das experiências educacionais desenvolvidas pelo operariado, utilizando

uma aproximação entre a memória e a história pública, entendendo o próprio jornal como um *lugar de memória* (GIGLIO, 2019: 26). Assim, ela reconstrói a história do período a ser abordado, ligando a memória das pessoas escravizadas à posterior classe de trabalhadores imigrantes que adentrariam o país, desenhando esse processo de transição no espaço físico do Rio de Janeiro. O anarquismo e o socialismo são apresentados por ela como as correntes ideológicas que ganharam espaço proeminente entre o movimento operário.

Dando continuidade a obra, a abertura da segunda parte, “*Circulação e usos do impresso*”, usa o espaço físico dos cortiços, moradia comum da população pobre do período, para um exercício comparativo entre as tramas de luta por liberdade estabelecidas pela população negra do Rio de Janeiro e a construção do imigrante europeu operário de São Paulo, que se deram entre os cômodos apertados do morar coletivo. A partir desse contexto, a autora traça o cenário de condições precárias de alfabetização do período e a relevância que o hábito de leitura passou a assumir no espaço urbano como uma marca de influência cultural dos imigrantes.

O impresso é entendido pelos idealistas como um espaço de resistência.

Daí a importância que os livros ocupam, o que se refletiu na criação de bibliotecas organizadas por operários em vários locais do Brasil, encontradas pela autora em notícias do *A Voz do Trabalhador*. Nessa equação, o jornal tem um papel privilegiado, pois além de divulgar espaços onde o trabalhador poderia ter acesso a materiais de leitura, ele mesmo se configurava como um espaço de propaganda de ideias revolucionárias. Além disso, se incentivava que este hábito assumisse característica coletiva, com a criação de uma rede de multiplicadores potenciais (GIGLIO, 2019: 77). O jornal indicava a seus leitores que repassassem os exemplares lidos – inclusive “esquecendo-os” em espaços públicos – e que o lessem a quem não pudesse acessar a palavra impressa. A característica coletiva também aparece relativa à manutenção do próprio jornal, que para ser feita necessitava de uma rede de solidariedade, mantida através de assinaturas, listas de subscrição e eventos voltados a arrecadar fundos.

A maneira como o jornal se mantinha financeiramente é um relevante gancho para a terceira parte, “*Uma demonstração de resistência*”. O jornal *A Voz do Trabalhador* teve como origem o 1º Congresso da Confederação Operária, realizado em 1906 no Rio de Janeiro. A criação de um órgão de propaganda com

cobertura do proletariado nacional constava nas bases de acordo do congresso, porém materializou-se apenas em 1908, quando foi criada a Confederação Operária Brasileira (COB). Esse espaço de tempo entre a decisão de criação do jornal e a sua concretização está relacionado a um problema que foi enfrentado pela comissão que o manteve ao longo de sua existência: a falta de recursos financeiros. Essa questão é detalhadamente abordada pela autora ao longo do capítulo, demonstrando uma recorrente crise financeira em ambas as fases de publicação, diretamente relacionadas às dificuldades enfrentadas pela COB, e os esforços empreendidos pelos envolvidos na tentativa de contorná-la.

Ainda neste bloco, os textos publicados pelo jornal recebem atenção especial com o exame acerca das tendências políticas que nele apareciam. Célia Maria Benedicto Giglio (2019: 128) identifica a predominância anarquista, o que fazia dele “não um jornal anarquista no sentido de que lá só existia espaço para as posições anarquistas, mas um jornal que confere, que consegue imprimir uma linha anarquista no tratamento que dá às posições diferentes que têm espaço contemplado no jornal”. Ela apresenta os principais objetos de crítica dos textos – Igreja, Estado, Polícia, Guerra –, as mudanças visíveis na abordagem das

fases e um relevante fato em outubro de 1909, com o fuzilamento de Francisco Ferrer y Guardia, pedagogo catalão criador da Escola Moderna, que gera uma onda de comoção mundial, e rebete na abordagem educacional de *A Voz do Trabalhador*. Conferimos também que essas críticas e lutas do movimento operário não aconteciam de forma ileso, pois a autora relata em seu texto as perseguições policiais e prisões enfrentadas por ativistas ligados a ele.

“Ler e dar a outrem ler *A Voz do Trabalhador* é fazer propaganda, é semear para colher”. Este lembrete insistentemente publicado no jornal é um mote para a análise de Célia Maria Benedicto Giglio. A metáfora nomeia a última parte, “*Sementes da nova sociedade*”, a qual aborda diretamente as estratégias adotadas pelo jornal a fim de configurar sua própria dimensão educativa. A autora reafirma o jornal enquanto um espaço educacional, sendo a escola “apenas uma das formas possíveis de educação. Na vida, reside a educação por excelência.” (GIGLIO, 2019: 158). Ela dedica-se a analisar a mudança de abordagem do jornal provocada pela morte de Francisco Ferrer y Guardia, pois após este acontecimento o que passou a figurar em suas páginas foi a tendência de educação racionalista. Anteriormente essa ideia não aparecia nas páginas do jornal,

mas já se propagava um saber laico e anticlerical, valorizando a ciência e visando a libertação individual e coletiva de forma autônoma.

Centros culturais, bibliotecas, e até os sindicatos, são abordados como espaços nos quais paralelamente construiu-se uma cultura operária e combateu-se a outra cultura considerada danosa para o proletariado, como o futebol, o carnaval e o incentivo ao consumo de bebidas alcoólicas. Conheceremos ainda nesse capítulo um levantamento da autora de 18 escolas operárias espalhadas pelo país em São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Alagoas, noticiadas por *A Voz do Trabalhador*, com especial abordagem sobre as Escolas Modernas e a Escola Nova, fundadas em São Paulo.

Apesar de não dedicar uma análise detalhada aos sujeitos que faziam o jornal e produzia seu conteúdo, Célia Maria Benedicto Giglio nos apresenta nomes de algumas pessoas envolvidas nesse processo. Entre eles, João Leuenroth aparece no livro como um dos responsáveis diretos pelo jornal, integrando a Comissão Confederal responsável pela sua edição. Neno Vasco, anarquista de origem portuguesa, é um dos colaboradores citados, com seus escritos que versavam

principalmente sobre o sindicalismo. Outro é Florentino de Carvalho – pseudônimo de Raimundo Primitivo Soares –, apresentado como professor nas escolas libertárias em São Paulo, cujo artigo *Necessidade do ensino racionalista* é submetido à análise da autora, e nele o espanhol apresenta uma crítica ferrenha ao ensino oficial, que deveria ser combatido e substituído pelo método racional, com educação integral, visando ao mesmo tempo corpo e mente.

Um aspecto apresentado no livro é a disputa ideológica dentro da classe operária. A autora identifica a primária dificuldade para organizar o proletariado devido a questões oriundas das diferenças de nacionalidade, com o trabalhador nacional muitas vezes sendo visto como “fura greve”. Além desse entrave os grupos de tendência anarquista, aqui representados por *A Voz do Trabalhador*, estavam em constante disputa com aqueles de tendência socialista, um caso que pode ser representado pelos debates entre as páginas do jornal libertário e a “Coluna Operária” do periódico *Época* (GIGLIO, 2019: 120). Existia ainda outra linha que tentava angariar a consciência proletária, partidária da corrente reformista, a qual estava alinhada a Confederação Brasileira do Trabalho que nasceu do Congresso Amarelo organizado em 1912 (GIGLIO, 2019:143).

A fonte principal de Célia Maria Benedicto Giglio é o jornal *A Voz do Trabalhador*, como já apresentado, tendo sido consultadas as edições de suas duas fases. Outra fonte primária que aparece com frequência na pesquisa é o livro *Belenzinho, 1910 (Retratos de uma época)* de Jacob Penteadó. A costura entre as duas é feita através de obras que abordam o período histórico, a classe operária, a educação e em específico as experiências em educação operária, constando dois livros atualmente consagrados como clássicos sobre o tema: *Educação e movimento operário no Brasil* (1987) de Paulo Ghiraldelli Jr. e *Uma educação para a solidariedade: contribuições ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha* (1990) de Regina Celia Mazoni Jomini, além de um artigo de Flávio Luizetto sobre a presença das ideias de Francisco Ferrer y Guardia no Brasil.

Devido ao foco da pesquisa ser o conteúdo do jornal, não temos uma grande incursão nas atividades educativas noticiadas por ele para além do conteúdo disponível em suas páginas. Essa característica não configura um ônus e certamente abriu muitas possibilidades investigativas para pesquisadores que a consultaram posteriormente. Porém, pode-se levar em consideração que um

aprofundamento nas teorias educacionais libertárias e anarquistas acrescentaria muito ao conteúdo produzido pela autora, pois colocaria em perspectiva histórica a educação emancipadora reproduzida pelo jornal. A abordagem mais acurada em relação ao emprego da educação como tática dentro do sindicalismo revolucionário, e até mesmo a diferenciação entre este o anarco-sindicalismo¹⁵⁵ abriria uma série de possibilidades não exploradas pela autora.

O trabalho de Célia Maria Benedicto Giglio deixa evidente o rico material documental oferecido por *A Voz do Trabalhador*. A imprensa ocupa um espaço privilegiado quando o tema é história e história da educação operária, especialmente a de tendência anarquista. Diante de uma escassez documental e da dificuldade de se trabalhar com memória oral, devido à distância temporal, os jornais contam as ideias que circulavam entre os trabalhadores e pessoas aliadas à causa, apresentam-nos os sujeitos envolvidos nesse processo, muitas vezes ocultos sob pseudônimos, o que diz muito sobre as condições enfrentadas por aqueles que

sonhavam com a emancipação do proletariado através da supressão de todas as hierarquias que subjogavam alguns grupos em detrimento de outros.

Embasado no que apresentamos nesta resenha, reforçamos a contemporaneidade de se olhar para as possibilidades educativas que ultrapassam os muros da escola, adotando a potência criativa para criação de outros métodos e formas que se pretendam críticos e libertadores, desvinculando a educação de dogmas religiosos e aproximando-a das “verdades provisórias” produzidas pelas ciências. “O conhecimento é instrumento de luta não só para a construção de outra ordem social, mas é também, e talvez principalmente, para resistir a uma ordem que objetivamente cada vez mais afasta as possibilidades de emancipação.” (GIGLIO, 2019: 213).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. (2015), *A Confederação Operária Brasileira e sua militância*. In: MARQUES,

¹⁵⁵ Devido a falta de informação sobre atualização da pesquisa para a publicação recente, e a ausência da incorporação desse debate, consideramos válido que as pessoas leitoras do livro busquem revisões historiográficas mais recentes relativas ao emprego das definições anarco-sindicalista – ou anarcossindicalista – e sindicalista revolucionária em relação ao Primeiro Congresso Operário de 1906 e à COB. Para tal, recomendamos as obras de Edilene Toledo (2004) e Alexandre Samis (2018), que apresentam duas abordagens diferentes sobre a questão. Felipe Correia (2011) apresentou uma visão crítica sobre o trabalho de Toledo e sintetizou o debate sobre o tema a partir de uma abordagem global. Para melhor compreensão acerca da história da COB cabe ainda a recomendação do texto de Claudio Batalha (2015).

Antonio José. Arquivos e o direito à memória e à verdade no mundo dos trabalhadores: coletânea do 3º seminário internacional o mundo dos trabalhadores e seus arquivos; Rio de Janeiro/São Paulo; Arquivo Nacional/Central Única dos Trabalhadores – CUT; . pp. 71 - 89.

CORREA, Felipe. (2011), Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário: uma resenha crítica do livro de Edilene Toledo, a partir das visões de Michael Schmidt, Lucien van der Walt e Alexandre Samis. In: CORREA, Felipe. Ideologia e Estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular; São Paulo; Faísca.

GALLO, Silvio (1990). Educação Anarquista: por uma pedagogia do risco. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GIGLIO, Célia Maria Benedicto. (2019) Imprensa operária e educação nos inícios do século XX: O jornal A Voz do Trabalhador. 1. ed. São Paulo: Alameda.

GHIRALDELLI JR, Paulo. (1987) Educação e movimento operário. São Paulo: Cortez.

JOMINI, Regina Celia Mazoni. (1990) Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na

Republica Velha. Campinas: Pontes.

TOLEDO, Edilene. (2004) Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890 – 1945). Campinas: Editora da UNICAMP.

SAMIS, Alexandre. (2018) Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário. São Paulo: Intermezzo.

SAVIANI, Dermeval. (2007) História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas: Autores Associados.